

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS - CECH
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA - DS

RAISA CORTEZ ROSADO

MULHERES PERIFÉRICAS E O NEOLIBERALISMO: PERCEPÇÃO DA
DESIGUALDADE DE GÊNERO NO MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS

SÃO CARLOS
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS - CECH
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA - DS

RAISA CORTEZ ROSADO

“MULHERES PERIFÉRICAS” E O NEOLIBERALISMO: PERCEPÇÃO DA
DESIGUALDADE DE GÊNERO NO MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS

Monografia apresentada como requisito
parcial à obtenção do título de Cientista
Social com ênfase em Sociologia,
Universidade Federal de São Carlos
Prof.º Dr. Orientador: Fábio José Bechara
Sanchez

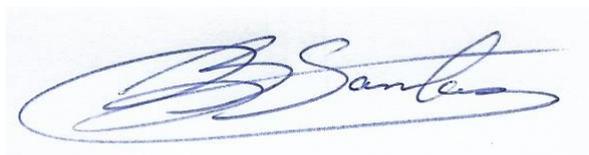
SÃO CARLOS

2021

TERMO DE APROVAÇÃO

Aprovado em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'F. Sanchez', is enclosed in a light blue rectangular box.

ProfºDr.Fábio José Bechara Sanchez
Orientador

Camila Camargo Ferreira
Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus pais, que foram fundamentais na conclusão deste curso, indispensáveis nos diversos momentos de sofrimento e essenciais nas batalhas da vida

EPÍGRAFE

“Quero o lado da luz que ainda é cedo”

(Flora Figueiredo)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Marilda Cortez Rosado e José Delaci Rosado Rubira pelo amor, pelo incentivo perene ao estudo, ao crescimento e as conquistas profissionais. Aos meus irmãos e à minha tia pelo afeto constante. Ao meu orientador pelos conselhos acadêmicos e de vida. Aos integrantes do grupo de pesquisa Dissens pelas valiosas contribuições para esta pesquisa quando ainda era um projeto de iniciação científica. A cada colega de curso; a cada amiga e amigo de vida que me ajudou nesses cinco anos de graduação. Às professoras e aos professores da graduação em Ciências Sociais na UFSCar, pelas indagações, provocações e dedicação em formar cientistas sociais capacitadas e capacitados para refletir e atuar na realidade social. À militância do Levante Popular da Juventude, fundamental em tornar-me uma mulher melhor, mais consciente dos meus limites e virtudes. À cada amor presente neste período, em especial à minha namorada, Marília, companheira de vida e de caminhos há tanto tempo.

SUMÁRIO GERAL

1. CAPA.....	1
2. FOLHA DE ROSTO.....	2
3. TERMO DE APROVAÇÃO.....	3
4. DEDICATÓRIA.....	4
5. EPÍGRAFE.....	5
6. AGRADECIMENTOS.....	6
7. INTRODUÇÃO.....	8
8. CAPÍTULO 1: A CRISE MULTIFACETADA E A VIDA DAS MULHERES	13
9. CAPÍTULO 2: SOBRE A HISTÓRIA ORAL COMO METODOLOGIA DE PESQUISA	16
10. CAPÍTULO 3: DO DEBATE SOBRE A INTERSECÇÃO DAS OPRESSÕES.....	19
11. CAPÍTULO 4: PATRIARCADO, FEMINISMO MARXISTA E A EXPERIÊNCIA DAS MULHERES.....	21
12. CONCLUSÕES.....	33
13. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

1. INTRODUÇÃO

As últimas duas décadas foram de intensas mudanças sociais globais. Alterando-se configurações macrossociais modificam-se também configurações microsociais e vice-versa, especialmente caso essa última seja em larga escala e coletivamente informada e direcionada. Esta pesquisa partiu da inquietação inicial de buscar compreender como mulheres periféricas percebem e experienciam a desigualdade de gênero. Inquietação antiga, já se mostrava no cotidiano da pesquisadora antes mesmo de ingressar na universidade. Moradora de bairro de periferia na sua cidade natal, as diferentes percepções e formas de elaboração acerca das desigualdades de gênero presentes no bairro chamavam a atenção, ora de caráter mais progressista, ora de caráter mais conservador, ora vindos da mesma mulher, ora de mulheres diferentes. As combinações eram intensamente variáveis. Por que variaram tanto, o que poderia mudar as percepções acerca das desigualdades de gênero, quais contradições poderiam ser encontradas ali? Surgia ali, ao longo dos anos, uma dúvida acerca do mundo que se fez mais e mais persistente ao longo do ingresso na universidade e no trajeto da graduação de Ciências Sociais.

Melhor refinada com o tempo, conjuntamente a elaboração do orientador e dos próprios debates advindos da graduação em Ciências Sociais, chegou-se a duas perguntas: de que maneira ante o cenário de avanço neoliberal as mulheres periféricas experienciam esse contexto e percebem na sua vida cotidiana os impactos do patriarcado e, conseqüente, da desigualdade de gênero? Como elas elaboram sua experiência e como resistem a esse cenário de precarização da vida, sobretudo no tocante à periferia? O trabalho desdobrou-se primeiro como iniciação científica financiada pelo CNPQ e posteriormente enquanto monografia no período de aproximadamente um ano.

Buscamos focalizar o município de São Carlos por ser a cidade de residência da pesquisadora, além do fato de a cidade conter dimensão geográfica extensa e complexa, configurando-se territorialmente de modos distintos em relação a periferias de cidades metropolitanas. Também nos chamou atenção o histórico escravocrata (algo não incomum dado à formação econômica do Brasil; sobretudo pensando a elite cafeeira) do município e passado/presente de intensas lutas sociais, seja nos

sindicatos, seja nas universidades. Por fim, a inserção da própria pesquisadora em coletivos sociais contribuiu para formulação do problema de pesquisa, pois como coloca Mills (2009) vida e obra na prática artesanal sociológica mesclam-se mutuamente. Dessa maneira, paulatinamente esta pesquisa inseriu-se no campo de debates atuais sobre crise neoliberal, nova direita, periferias e os debates de sexo/gênero.

Devido às questões impostas pela pandemia da SARS-COV-2 que nos impediu de ter acesso ao campo pensado inicialmente, sendo este entrevistas com mulheres moradoras de bairros periféricos participantes do movimento da Economia Solidária. Este contato foi iniciado, contudo as relações não se consolidaram pelo seu caráter pouco frequente devido a pandemia de SARS-COV 2, optamos por entrevistar mulheres jovens universitárias moradoras de periferia, o que nos implicou novos desdobramentos e reflexões, sobretudo acerca da juventude periférica e sua relação com a universidade. Diante disso, nosso objetivo central consistiu em compreender os impactos da crise nas mulheres periféricas jovens no município de São Carlos e suas experiências e percepções acerca da desigualdade de gênero, fenômeno social fortemente intensificado no atual contexto socioeconômico. Elencamos também outros quatro objetivos específicos, a saber: i) estudar os efeitos do neoliberalismo nas relações de gênero; ii) compreender as experiências de mulheres periféricas em relação ao gênero a partir de suas histórias de vida; iii) compreender de que modo significam suas experiências de vida e quais episódios de vida são marcantes para estas mulheres e, por fim, iv) compreender como estes episódios dialogam com a questão da percepção da desigualdade de gênero e com o contexto político nacional, analisando também o contexto da pandemia do novo SARS-COV-2.

Elaboramos nossos pressupostos apostando que há uma contradição instaurada e alargada pela crise de produção e reprodução social que desdobra-se sob duas faces de uma mesma moeda: i) por um lado o reforço do papel tradicional da mulher e conseqüentemente estereótipos gentrificados; ii) e por outro as fissuras na ordem social provocado pelo avanço da luta das mulheres e da luta feminista. Outras duas hipóteses secundárias também foram levantadas no decorrer da pesquisa: i) há pelo menos duas interpretações antagônicas dentro das abordagens do feminismo marxista; a primeira ligada a intelectuais que fortalecem e defendem a necessidade de um feminismo referenciado ao marxismo (e o marxismo referenciado

no feminismo) e a segunda que os interpreta como irreconciliáveis e por vezes opostos; ii) a racionalidade neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016) é um elemento central da percepção da desigualdade de gênero, em virtude de que operando na métrica do individualismo ofusca elementos estruturais do sistema patriarcal.

Distantes de uma abordagem positivista da ciência, não nos interessa comprovar ou descartar as hipóteses de modo pragmático, mas encará-las em primeiro lugar como apostas anteriores a pesquisa e em segundo lugar como lócus de reflexão no decorrer da pesquisa, bússolas teórico-metodológicas. Sendo assim, refletiremos sobre elas no decorrer dos capítulos e na conclusão da monografia. Procuramos discutir as experiências das mulheres que gentilmente foram nossas interlocutoras. Logo, a categoria de experiência nos parece um elemento fundamental sem o qual não é possível compreender a totalidade das relações sociais, além das diversas opressões que atravessam nossas interlocutoras as posicionam de modo específico na conjuntura política, sendo profundamente impactadas por esse contexto e elaborando saídas individuais e coletivas a ele. Feito nosso recorte de faixa etária de mulheres entre 18 a 27 anos, refletir a acerca da inserção da juventude periférica jovem na universidade - espaço no qual, teoricamente, tornam-se mais acessíveis debates acerca das opressões -, sobretudo mulheres, e quais contradições colocam-se nessa relação nos parece importante.

Buscando conectar elementos de uma mesma “malha fina” na qual se dão as relações sociais, ou seja, o macrossocial e o microssocial, Saffioti (2015) metodologicamente nos orientamos pela percepção de que a abordagem qualitativa permite, pela sua própria natureza, adentrar mais profundamente nos fenômenos sociais, no nosso caso, a percepção e a experiência social. Piscitelli (2005) analisa a história de vida como “nó” do macro e microssocial, um vez que possibilita “lugar de destaque à experiência vivida, em sentido longitudinal, e em possibilitar a integração de percepções individuais e pautas universais de relações humanas, através de articulações temporais” (PISCITELLI, 2005, p. 5).

Desse modo utilizamos a metodologia de história oral, e mais especificamente a técnica de história de vida. Devido às restrições impostas, tivemos que mudar nosso percurso de alcance das interlocutoras, contudo, não alteramos a metodologia de história oral: inicialmente alcançaremos nossas interlocutoras através da participação no Grupo de Mulheres do CREAS (Centro de Referência e Atenção Psicossocial),

importante serviço público que atende mulheres da cidade de São Carlos, entre elas, moradoras de bairros e regiões periféricas da cidade. Contudo, devido a pandemia de SARS-COV-2 este grupo foi encerrado, sem previsão para retorno, o que nos obrigou a encontrar outros caminhos.

No mês de abril deste ano realizamos visitas de campo ao Banco Comunitário Nascente, cooperativa de economia solidária gerenciada por mulheres do município de São Carlos situada no Jardim Gonzaga, bairro periférico da cidade. Aos poucos, estabelecemos contatos com as mulheres responsáveis pelo funcionamento da cooperativa e com as mulheres atendidas através de cestas básicas. Porém, a dinâmica pandêmica acirrou-se profundamente na cidade; prejudicando tanto esta rede que se formava, como os trabalhos do próprio Banco, que não mais conseguiam realizar entrega de cestas básicas as mulheres do território que atuavam. A pandemia no município avançava a passos largos dado a falta de medidas protetivas eficazes, batendo assim, recordes de mortes, especialmente nos bairros periféricos. Desta maneira, também foi bloqueado esse caminho, embora as visitas que fizemos tenham fornecido material importante para reflexão posterior.

Impossibilitados ambos os caminhos, optamos pela técnica de bola de neve a partir de uma conhecida moradora de bairro periférico. Dado as redes pelas quais circulam a pesquisadora e as redes disponíveis para contato oferecidas pela interlocutora, realizamos entrevistas semiestruturadas com mulheres jovens moradoras de periferia, a partir da metodologia de história oral. Ajustamos nosso roteiro para contemplar o marcador social de juventude e procedemos desta forma.

Através de um roteiro aberto, contendo perguntas norteadoras perpassando temas relacionadas a dinâmica pessoal (trabalho; educação; moradia; organização política) e temas mais diretamente relacionados a vida pública (como se posiciona frente ao atual governo, se e como participou das últimas eleições municipais, o que pensa sobre representatividade das mulheres na política) entrevistamos nossas interlocutoras buscando horizontalizar o lugar pesquisadora/interlocutora. Cabe ressaltar que destinamos um tópico em específico para os impactos da pandemia de SARS-COV-2, embora este tema, como já esperado tenha aparecido de maneira transversal em todas as entrevistas, uma vez que a pandemia impactou todas as

esferas da vida pessoal não pode ser congelada e tratada de forma dissociada a realidade concreta objetiva e subjetiva.

As entrevistas compostas por mais de uma hora tratam-se das experiências dessas mulheres enquanto mulheres jovens universitárias moradoras de periferia; impactadas pelas dinâmicas de opressão racistas; patriarcais; e LGBTfóbicas posicionadas na estrutura social desta maneira inscritas também enquanto jovens trabalhadoras. As entrevistas foram transcritas integralmente e foram selecionadas pela pesquisadora trechos do material original a serem debatidos preservando o anonimato das interlocutoras. Optamos por analisar as entrevistas a modo como Ecléa Bosi o fez em *Memória e Sociedade: Lembranças de Velho* (1994); no qual a autora busca escutar as entrevistas – e escutar refere-se aqui ao sentido psicanalítico de observação cuidado do sujeito - realizando uma escuta interpretativa do que é dito e do que é silenciado, priorizando a voz das interlocutoras, mas nem por isso ausentando-se da discussão teórica; elaboração e reflexão própria da pesquisa em ciências humanas.

A monografia estrutura-se da seguinte maneira: no primeiro capítulo, *A crise multifacetada e a vida das mulheres*, retomamos o contexto econômico e social destacando os impactos e resistências das mulheres frente ao avanço neoliberal. Em *Sobre a história oral como metodologia* esclarecemos nossa escolha metodológica e retomamos a origem da história oral e alguns debates concernentes a América Latina. *A experiência e a intersecção das opressões* refletimos sobre a temática da constituição dos sujeitos sociais lançando luz no debate de interseccionalidade e consubstancialidade. Por fim, em *patriarcado e experiência das mulheres*, fazemos o debate do feminismo marxista contrastando duas tendências e retomando nosso material coletado.

i) Capítulo I: A crise multifacetada e a vida das mulheres

O ano de 2008 é emblemático. Após a falência do Lemon Brothers, banco americano internacionalmente reconhecido, um processo de crise do capitalismo financeiro já em curso tornou-se mais nítido.

Com o objetivo de retomar taxas de lucro e reestruturar o sistema de modo a acentuar a relação centro/periferia; a divisão internacional do trabalho se acirra na medida em que os EUA passam a impor políticas de austeridade econômica a diversos países da América Latina, seja pelos bloqueios econômicos, como em Cuba (que já dura décadas e se acirrou nos últimos anos) seja pelo avanço do extrativismo ilegal do lítio na Bolívia ou da Amazônia (em consonância com o atual governo brasileiro) seja pelo desmonte da soberania estatal através de privatizações de empresas estatais estratégicas (ou mesmo de base militares, como a Base de Alcântara no caso brasileiro, entregue a domínio estadunidense), sucateamento de serviços públicos e aumento do custo de vida

A experiência de vida e as percepções das e dos sujeitos sociais são elementos fundamentais para compreensão da realidade social de maneira mais complexa e abrangente. Diante da crise multifacetada que inicia-se em 2008 e por volta de 2013 atinge o Brasil, sendo este ano em questão memorável devido às intensas mobilizações sociais. Maricato (2013) analisa o cenário que se desdobra em 2013 como profundamente ligado as próprias condições de vida, objetivas e subjetivas da cidade. Elaborando importantes críticas às políticas urbanas dos governos do

Partido dos Trabalhadores PT (2002 - 2016), a autora retoma a crise de 2008 destacando a centralidade das cidades para compreensão da atual conjuntura. Para ela, tal conjuntura aprofunda as relações de dependência do capitalismo (OLIVEIRA 2003), especialmente se levarmos em conta a cidade como mercadoria do capital e a especulação imobiliária.

Tatatiga e Galvão (2019) analisando o período de 2011 a 2016, tecem valiosas contribuições para compreensão do período: surgem novos atores no que tange a coletivos, tanto a esquerda como atores ligados ao que mais recentemente tem se denominado como nova direita. Ainda segundo as autoras, nos anos de 2012 e 2013, há um crescimento nada desprezível dos protestos das mulheres. Essas análises sinalizam importantes eclosões de insatisfações sociais frente a um período que já sinaliza aprofundamento das condições concretas e subjetivas de vida. Hollanda (2018) em *Explosão Feminista*, lança luz sobre manifestações centrais das mulheres, como os atos nacionais pelo “Fora Cunha de 2015”¹; a Primeira Marcha das Mulheres Negras contou com 50 mil participantes; a quinta Marcha das Margaridas, reunindo 70 mil ativistas em agosto do mesmo ano na cidade de Brasília, cabe por fim, salientar as ocupações secundaristas, nomeadas pela autora de Primavera Feminista. Também os atos #EleNão² marcam a organização das mulheres e a cisão de gênero nas eleições, elemento inédito da realidade brasileira.

Outro elemento ainda desse contexto, foi a aprovação da reforma trabalhista³. Krein (2018) analisa tal reforma trabalhista como pedra angular do programa político do atual governo, uma vez que 201 dispositivos da “CLT” foram alterados, flexibilizando sistemas de contrato, férias, jornada de trabalho, benefícios e plano de carreira, precarizando o trabalho, - mais uma vez de maneira significativamente mais intensa o trabalho feminino - inclusive com a exclusão da CLT de dispositivos de proteção a gestante e a maternidade. Também a reforma de previdência há de ser destacada como pilar do projeto bolsonarista.

¹. As diversas manifestações estaduais, que culminaram num ato nacional em dezembro, - como retoma a autora - se posicionaram contrários ao projeto de lei misógino e sexista de autoria de Eduardo Cunha (PMDB/RJ). A PL 5069/2013 foi aprovada e dificulta o acesso de vítimas de estupro a cuidados médicos fundamentais.

² Os atos Ele Não <https://theintercept.com/2018/09/28/elenaio-movimento-feminista-politico/>

³. A Câmara dos Deputados aprovou a reforma trabalhista por completo no dia 12 de Agosto de 2021

Uma nota técnica do DIEESE⁴ de Março de 2019 sobre a proposta da Reforma da Previdência PEC 6/2019 (aprovada em 22 de Outubro de 2019⁵) salienta a retirada de direitos sociais e a precarização da vida das mulheres. As mulheres, especialmente jovens e periféricas, são brutalmente desamparadas pelo Estado no governo atual.

Além da crise econômica; política; social e cultural, no mês de Março de 2020, o vírus altamente letal SARS-COV-2 chegou ao Brasil. Desde o início esta situação sendo desacreditada pelas autoridades nacionais; estaduais e locais (salvaguardo exceções) a pandemia de COVID 19 tornou-se uma tragédia social, e em especial para grupos marginalizados, não à toa a primeira morte registrada no Brasil foi de uma mulher⁶.

Frente esse contexto, nos interessou compreender de que maneira uma fração específica da classe trabalhadora experienciou diretamente essas mudanças sociais drásticas, como experienciou e como percebia através desta experiência, nas suas condições concretas e subjetivas os impactos e como elaboravam as resistências na atual crise multifacetada.

No capítulo seguinte será debatido o uso da história oral como metodologia de pesquisa, de modo a situar brevemente parte do debate do campo Brasil e na América Latina, bem como as utilizações possíveis

⁴. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, fundada em 1955 criada e mantida pelo movimento sindical brasileiro, atua com levantamento de dados e pesquisas sociais sobre a realidade brasileira. Para mais informações consultar: www.dieese.org.br

⁵ A Reforma da Previdência junto a outras reformas políticas (como a Reforma do Ensino Médio, Reforma Trabalhistas) foram elementos centrais na agenda econômica do governo Bolsonaro.

⁶ AGENCIA BRASIL. Primeira Morte por COVID 19 no Brasil aconteceu em 1 de Março. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-06/primeira-morte-por-covid-19-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco>. Acesso 17 nov. 2021

ii) Capítulo II: Sobre a história oral como metodologia de pesquisa

A história oral tem ganhado, nos últimos anos, destaque no campo das ciências humanas, dada sua possibilidade de imersão no objeto; sujeito ou contexto de análise e por suas características de “dar escuta às pessoas oprimidas””. Contudo a história oral já possui um percurso longo de existência, para além das fronteiras brasileiras.

Thomsom (2000) retoma o surgimento da história oral dando luz a tradição registrada pela North American Oral History Association que indica que tal metodologia começou a ser iniciada quando o historiador Allan Nevis passou a gravar a história de vida de pessoas importantes da sociedade americana naquele contexto primeiras décadas do século XX. Desta maneira, a história oral num primeiro momento possui forte caráter arquivístico, de postura inicialmente elitizada por concentrar interesse social apenas em figuras públicas personalidades específicas. Após uma série de críticas durante o século XX, passa a ser utilizado por acadêmicos e também movimentos sociais. na medida em que figuras de destaque público Contudo, em seu início foi amplamente descredibilizada pelo forte positivismo da época, que sugeriu regras rígidas para sua execução. Os historiadores orais deste período discordaram de tais apontamentos, dada a própria natureza da metodologia. Contudo, criou-se alguns conjuntos de aconselhamentos à fim de profissionalizar e garantir mais credibilidade a esta (THOMSON; 2000).

Próximo aos anos 70, as diversas críticas – algumas de ótica diferente ao positivismo – foram tomadas não mais como limitações, mas como possibilidades da metodologia/técnica. No lugar de compreender as distorções da memória como limites e falseamentos do real, historiadoras e historiadores orais optaram por compreender as peculiaridades da história oral como ponto forte. Isto é, através de uma apreensão da memória, da narrativa de si, da interlocução de diferentes elementos que atravessam o sujeito apostar na flexibilidade e horizontalidade da relação interlocutora/pesquisadora de modo a dar destaque primordial a experiência particular

Para Schawezstein (2000), a história oral na América Latina é especialmente dificultosa. Dada a diferença de desenvolvimento da metodologia em diferentes países, a autora aponta que o embate militância versus academia refreou tais avanços. Tal relação prejudicou a profissionalização da metodologia e devido a isso a região da América Latina necessitaria ser entendida como países que tem “realidades e desenvolvimentos diferentes”, logo com “desafios distintos” entre si. Discordamos desses pontos de análise, sobretudo o dilema militância versus academia, pois acreditamos que é precisamente este ponto um dos mais fecundos da história oral.

Meihi (2000) coloca a história oral como grande aposta para o século XXI, sobretudo no Brasil onde é fundamental que ela vá além de “narrar os fatos”. O autor em questão coloca três desafios centrais para a execução da história oral no país, o primeiro é relativa ao vínculo político, na medida em que a história oral se institucionaliza no período de redemocratização do Brasil, enquanto em contextos nasce “exilada”, é atravessada também por um conflito antigo das ciências brasileiras, de um lado, a autonomia e necessidade de formulações específicas, de outro a prática de importação de métodos europeus para entender nossa realidade. O segundo é condizente à sua função social no Brasil, devido à potencialidade peculiar de ir além do genérico, pode captar a voz das pessoas marginalizadas socialmente. Meihi (2000) ainda ressalta a importância da oralidade como ferramenta de resistência e arquivística num país de passado escravocrata com altos índices de analfabetismo. O último desafio trata-se justamente de um dilema histórico, a relação militante e acadêmica da história oral, uma vez que ela surge como ferramenta de resistência, mas também se institucionaliza.

Para Joutard (2000), as limitações da história oral (sua imersão na memória; a tendência ao mito e a deformação assim como o silêncio e o esquecimento) são seus

pontos fortes, pois “elas nos introduzem no cerne das representações da realidade que cada um de nós se faz [...]” (JOUTARD, 2000, p.34). Para finalizar os pontos fortes da história oral cabe destacar seu papel na disputa de produção de conhecimento histórico local, na medida em que é possível encontrar maneiras de articular narrativas orais junto a formas democráticas de inclusão do público nesta produção (CÔRTE, A; BARROS, J; LIMA, L; HADLER, M; ROVAI, M; KOBELINSKI; M, 2021).

Na trilha de Portelli (1996), as fontes orais oferecem caminhos novos para a interpretação da realidade, nesse sentido, “[...] a palavra-chave aqui é *possibilidade*. No plano textual, a representatividade das fontes orais e das memórias se mede pela capacidade de abrir e delinear o campo das possibilidades expressivas” (PORTELLI, 1996, p. 8).

Ainda neste sentido acerca da relação entre as representações sociais e a concretude da realidade, Portelli (1996) traz contribuições valiosas, para o autor a história oral se dá num ponto circunscrito entre os limites da representação oral como também a autoridade narrativa de quem *fala*. Nem por isso desatrela-se da concretude pois há elos entre a experiência, “coerência com a realidade objetiva dos fatos” (PORTELLI, 1996, p. 9).

Para esta pesquisa, a história oral foi utilizada a partir de entrevistas semi estruturadas, divididas por eixos temáticos compondo trajetória de vida; percepção política; relação com ensino educação formal; relação com o território; trajetória de trabalho; relação com a família; impactos da pandemia na vida privada; relação com religiosidade. A metodologia de história oral através da técnica de coleta de entrevistas semi estruturadas foi usada a fim de direcionar as preocupações acerca da desigualdade de gênero, e também propiciar um panorama mínimo a respeito da vida das interlocutoras, de modo ser possível captar as percepções sobre desigualdade de gênero em diferentes eixos da vida pessoal

iii) Capítulo III: Do debate sobre e a intersecção das opressões

Hirata (2014) analisa que as e os sujeitos sociais só podem ser compreendidos na sua totalidade quando observados os atravessamentos que os constituem. Contudo, a forma como se caracteriza e observa esses atravessamentos é um debate em aberto. O debate sobre interseccionalidade é inaugurado por Daniele Kergoat, jurista norte-americano que experienciou em sua profissão a materialidade das formas de opressão ao assistir à condenação de uma cliente num caso de violência de gênero e racial em que não foram levadas em consideração tais dimensões conjuntamente. Kergoat (2012) analisaria posteriormente a necessidade de observar conjuntamente esses atravessamentos.

Hirata (2014) retoma esse debate lançando luz a críticas sobre a não priorização da tríade classe-gênero-raça, como também do perigo de se produzir uma cartografia estática desses eixos de análise (KERGOAT 2012). Ou seja, a consubstancialidade seria, na perspectiva da autora o termo mais adequado, na medida em que responde a necessidade de observar os diferentes elementos sociais que constituem os sujeitos, porém também não os congelaria numa análise triádica de classe-gênero-raça sem levar em conta outros marcadores de diferença (como religiosidade e nacionalidade) centrais para análise dos sujeitos sociais. Retomando sua longa pesquisa comparativa acerca do trabalho do cuidado – ou do *care* – realizada em diferentes países buscando compreender qual o perfil de cuidadoras e cuidadores no Japão; Brasil e França, Hirata (2014) inicia um percurso curto, porém intensamente provocativa sobre a interseccionalidade – críticas e possibilidades – bem como da consubstancialidade.

O que a autora nos sinaliza é a potência política do instrumento da interseccionalidade, assim como a sua indispensabilidade na compreensão e materialização do fenômeno do *care*, este trabalho ser majoritariamente desempenhado por mulheres de faixa etária elevada e integrante de algum grupo racial marginalizado (negras ou asiáticas) corresponde a uma estrutura de opressão patriarcal que opera segundo uma divisão sexual do trabalho (SAFFIOTI, 2014) não trata-se de coincidência nem pode ser organizado de forma a considerar apenas um elemento que compõem estas e estes trabalhadores, Utilizamos as contribuições que Hirata (2014) fornece na formulação de nosso problema (dado a escolha das interlocutoras), como também notamos como as opressões que constituem nossas interlocutoras se apresentam durante as falas e a realização das entrevistas. Consciente ou não sua experiência não pode ser dissociada de seus eixos constitutivos, e nem pode ser engessada na análise de apenas um deles.

No nosso caso, por vezes, ser mulher jovem e moradora de periferia mostrava-se de forma mais acentuada, com interlocutoras assumindo esta posição, tendo ciência dela, em outros momentos, isso moldava sua posição, ação e experiência no mundo, aparecendo de uma forma menos nítida porém concretamente materializada de maneiras objetivas e subjetivas (seja na sua auto percepção, seja na *posição* social que ocupa na estrutura capitalista-racista-patriarcal (SAFFIOTI,1985; 2013; 2015), dessa maneira estes diálogos “favorecem níveis de conceituação da experiência que raramente aparecem de forma espontânea na vida cotidiana” (GONZÁLEZ REY, 2002, p. 56).

Dito isto, optamos por transcrever trechos específicos das entrevistas realizadas que avaliamos serem mais significativas para nossos interesses de pesquisa e nossos objetivos específicos. As entrevistas serão transcritas no último capítulo desta monografia intitulado: Patriarcado, feminismo marxista e experiência das mulheres

iv) Capítulo IV: Patriarcado, feminismo marxista e experiência das mulheres

Retomando a obra de Marx e Engels, *Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* (1884), como também *A Ideologia Alemã* (1846), e *O Manifesto Comunista* (1848), Moraes (2000) assinala que a instituição da família é tomada como central à passagem da sociedade de classes pela análise marxista, sendo também a emergência da propriedade privada e da subordinação da mulher elementos presentes nestas obras, uma vez que, nesse sentido a historicização das instituições familiares e conseqüente desvelamento do seu caráter não natural permitiu vislumbrar a família como instituição de divisão social e divisão sexual do trabalho, oferecendo munição para que as feministas lutaram (MORAES, 2000). Nem por isso, ressalta a autora, o marxismo oferece todo o arcabouço teórico organizativo necessário à luta das mulheres. MITCHELL (1966) assinala o economicismo e mecanicismo de Engels ao afirmar que a opressão das mulheres pode ser explicada apenas por uma derivação da propriedade privada, como contraponto afirma que a opressão das mulheres se dá por uma estrutura *sui generis*.

O feminismo marxista não é uma teoria acabada e as disputas em torno da sua legitimidade; origem e aplicabilidade teórica permanecem extremamente atuais. Considerando a luta sufragista na França do século XX como um marco fundamental para o que atualmente denominamos de “feminismo”, Bonnet (2020) salienta as diversas disputas em torno deste debate, destacamos alguns pontos: o movimento sufragista francês não representava completamente a luta das mulheres daquela época no sentido de haver, para além da identificação de gênero grupos que

carregavam em si identificações de classe e eram profundamente interligados dado ao Partido Comunista Francês.

Dessa forma, a corrente da “história das mulheres ” que cumpriu papel fundamental em focalizar as mulheres como sujeitas históricas também é a mesma corrente que hegemoniza a percepção história da época, construindo a luta de classe e de gênero de modo irreconciliável, como destaca a autora. Sem pretensões de esgotar o debate, Bonnet (2020) contribui para demonstrar o quanto este campo historiográfico ainda carece de mais investigações e ressalta a “necessidade de prosseguir na reconstrução e na legitimação de uma narrativa da história do feminismo marxista à luz da crítica da “história das mulheres” (BONNET, 2020, p. 32).

Antes de se elaborar uma teoria que posteriormente seria denominada de feminismo, já havia luta e resistência das mulheres. Dizemos isso porque mesmo a nomenclatura “feminismo” para nomear a luta das mulheres por vezes não é um consenso⁷, para Zirbel (2007) o feminismo é mais que só teoria, mas também postura pessoal e movimento político-social. Os avanços da luta das mulheres e do feminismo anticapitalista problematizam e desvela as estruturas capitalistas-patriarcais-racistas não apenas no Brasil, mas em movimentações globais (ARRUZA; BATTACHARYA; FRASER, 2019). Construídas em cima de um forte senso comum (GRAMSCI, 1999) fruto da ideologia capitalista e elaboradas como biologicamente naturais a opressão-dominância dos homens pelas mulheres é questionada desde a existência do patriarcado, mesmo que não no capitalismo (SAFFIOTI, 2013).

Saffioti (2013) reconstituiu o debate sobre o feminismo marxista a luz de sua pesquisa sobre violência de gênero em São Paulo. Para a autora, gênero e patriarcado não são conceitos excludentes, contudo, analisa o quão danoso é o não uso do termo patriarcado para se referir a realidade social e as estruturas que compõe o capitalismo. O patriarcado desenvolve-se historicamente e apoia-se no poder e no não poder entre homens e mulheres desenvolvido historicamente e o reproduz como parte essencial do sistema, implementado lento e gradualmente produziu desequilíbrios nas hierarquias e estruturas de poder, garantindo a primazia masculina e o monopólio do poder dos homens ante as mulheres (SAFFIOTI, 2013, p.39 e 60).

⁷ O mulherismo é uma outra corrente de luta, de diferente origem do feminismo, tendo adeptas do movimento negro reivindicam a luta das mulheres por outro ângulo.

A dominação e a exploração desse modo, constituem duas faces da mesma moeda – a autora denomina como opressão este mecanismo unitário de duas faces -, a ideologia patriarcal trata-se justamente de naturalizar essa opressão, constituindo-se como importante elemento do senso comum, ou seja, trata de uma percepção, porém uma percepção “desagregada, incoerente, inconsequente, conforme à posição social e cultural das multidões das quais ele é a filosofia”. (GRAMSCI, 1999. p.114)

Saffioti (2013) destaca ainda as divergências com a categoria de gênero: trata-se de uma categoria ontológica; especialmente válida pela sua abrangência, contudo, imprecisa para tratar de estruturas e ineficaz para desvelar a exploração-dominação por não deixar claro a desigualdade entre homens e mulheres, já o patriarcado caracteriza-se por i) não se tratar de uma relação privada; mas civil; ii) dar direitos sexuais aos homens perante as mulheres, praticamente sem restrições; iii) configura-se como tipo hierárquico da relação que invade sem exceção, todos os espaços da sociedade; iv) possui base material; v) corporifica-se; vi) representa uma estrutura de poder baseado tanto na ideologia como na violência (SAFFIOTI, 2013. p.60). Cabe por fim salientar que a autora sinaliza a importância de usar de ambas as categorias como importantes ferramentas analíticas, contudo, guardam diferenças profundas e não se pode substituir uma pela outra.

Cecília Toledo (2017), importante intelectual e militante brasileira, contemporânea de Saffioti também contribuiu fortemente ao debate do feminismo marxista. Porém, identificamos contradições centrais que direcionam as duas autoras para caminhos apostos apesar de ambas serem filiadas à tradição marxiana. Toledo (2017) analisa a estrutura do capitalismo tentando dialeticamente tratar da questão de gênero e de classe, discorrendo sobre a origem da opressão, a religião como ferramenta de opressão, a inserção da mulher no trabalho, o feminismo marxista em si e o papel da mulher na emancipação da classe trabalhadora elabora diversos aspectos da questão patriarcal ante o capitalismo. A autora, contudo, a nosso ver, deixa-se levar por uma ortodoxia e um marxismo mecânico, com pouca envergadura teórica e potencial explicativo.

Segundo a autora, a categoria de gênero trata-se somente de uma esfera simbólica, ou seja, não há materialidade concreta nesta categoria, a opressão das mulheres deriva-se apenas e unicamente da opressão de classe, ou seja, o gênero é absolutamente determinado pela classe (TOLEDO, 2017). Discordamos largamente

por compreendermos que capitalismo-patriarcado-racismo não são possíveis de serem dissociados, uma vez que historicamente o processo de configuração do capitalismo não se aparta de sujeitos específicos que são oprimidos. Tampouco o modo de produção capitalista encerra em si todas as opressões, dado que já existia patriarcado antes de existir capitalismo (SAFFIOTI, 1985; 2014; 2015 et al), portanto, a opressão pelo sexo não é novidade do modo de produção capitalista.

O conceito de opressão nesta abordagem é definido embasado nas dinâmicas das relações sociais, sendo estas consideradas relações de poder e marcadas pela desigualdade de gênero: “Opressão portanto significa valer-se de uma situação de inferioridade em que o outro se encontra para obter vantagens e privilégios” (SAFFIOTI, 2013 p.30). O patriarcado como bem colocam autoras materialistas trata-se da *raiz* da opressão das mulheres ante os homens, potente *estrutura social* que deu-se por processos históricos, materiais e dialéticos complexos, contraditórios e fundamentais à existência do capitalismo.

Thompson (1981) define experiência como: “resposta mental e emocional seja de um indivíduo ou de um grupo social a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento” (THOMPSON, 1981, p. 15)”. Para ele, a experiência é específica da condição humana na medida em que “[...] surge espontaneamente no ser social, mas não surge sem pensamento” (THOMPSON, 1981, p. 13). A experiência, dessa maneira, possui um elemento de continuum é um elemento de inescapável, na medida em que atravessa o ser social no seu caráter existencial objetivo e subjetivamente. Scott (1998) corrobora essa perspectiva, contudo, destaca a possibilidade de contestação da política, dado que ela é sempre política e as identidades forjam-se em contextos políticos.

É claro que a experiência enquanto elemento de análise possui limites, como coloca Thompson (1982) “[...] a experiência é válida e efetiva, mas dentro de determinados limites: o agricultor ‘conhece’ as estações, o marinheiro ‘conhece’ seus mares, mas ambos permanecem mistificados em relação à monarquia e a cosmologia” (THOMPSON, 1982, p. 13). Como sujeito e sociedade não se distinguem, todas essas movimentações conjunturais são vislumbradas nas entrevistas que realizamos nesta pesquisa, contudo isso não encerra a experiência, dado o caráter de ação e o próprio caráter de condição humana das sujeitas.

Entrevistamos utilizando a história de vida de três mulheres jovens da cidade de São Carlos. O perfil de nossas interlocutoras é jovem e universitário, sendo seus

respectivos cursos: biblioteconomia e processos gerenciais na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Instituto Federal do Estado de São Paulo (IFSP). Moradoras de periferias da cidade de São Carlos, residem no Santa Fé (Santa Felícia), Aracy (Cidade Aracy) e Vila Faria. Todas essas interlocutoras ainda moram em periferias ou mudaram-se muito recentemente, como foi o caso de G que até os 16 anos morava com a família nas habitações do Minha Casa Minha Vida, CDHU. G e A são integrantes de organizações políticas, P não, porém participa do Centro Acadêmico (CA) de seu curso.

Contendo mais de 70 páginas transcritas, optamos por transcrever passagens e trechos que julgamos dialogar de maneira mais clara com nossos objetivos de pesquisa, sempre correndo o risco de não acertar na decisão, dado a complexidade e imbricação dos diálogos quando se trata de história oral. Em nosso roteiro haviam perguntas norteadoras sobre diferentes esferas da vida das interlocutoras: o eixo de trajetória e experiência de vida buscava compreender a composição familiar e histórico de atividades dos pais; o eixo de educação perguntava sobre a escolaridade da interlocutora e da família; quanto a religião, perguntávamos sobre a relação da interlocutora com alguma religião e como achava que homens e mulheres eram tratados; em trabalho estudo e vida profissional procuramos perguntar sobre o histórico de trabalho de nossas interlocutoras, as dificuldades de ser uma mulher jovem moradora de periferia e conseguir emprego, em quais empregos foram registradas, e quais desigualdades identificava em seu ambiente de trabalho.

Acerca do bairro, questionamos a existência de movimentos de mulheres e quais as principais dificuldades de se morar onde se mora, questionamos se a interlocutora considerava o lugar onde morava uma periferia e porquê e como era ser mulher jovem residindo naquele local, questões como violência policial e assédios foram frequentes, assim como dificuldades de procura de emprego e locomoção para a faculdade.

Sobre política e percepção de gênero buscamos entender como percebiam o governo Bolsonaro e quais envolvimentos políticos possuíam em suas vidas (participação em eleições municipais; coletivos; movimentos; entidades estudantis). Apesar da pandemia atravessar toda e qualquer questão, questionamos o maior impacto sentido pelas nossas interlocutoras. A dimensão financeira e da saúde mental foi fortemente apontada por todas as interlocutoras, relacionando-se a um contexto de crise já anteriormente descrito por nós e que precariza enormemente as mulheres nesse contexto, sobretudo mulheres jovens trabalhadoras e moradoras de periferia.

Por fim, finalizamos com uma pergunta completamente aberta à interlocutora perguntando sobre sua vontade de falar mais sobre algum tema; tirar dúvidas ou perguntar alguma questão. Buscamos justamente utilizar a história oral como forma de fazer a escuta sensível (PORTELLI, 2016), das nossas interlocutoras, em contrapartida ao que elas nos falam.

No tocante a religião, Flávia, nos oferece uma percepção aguçada. Tendo participado do grupo de jovens da igreja católica desde seus 15 anos, a desigualdade de gênero e a LGBTfobia configuraram-se como elementos que determinaram sua saída.

Raisa: Teve alguma coisa relacionada a gênero que fez você se afastar da igreja, pra além da questão de não fazer sentido a questão da fé, mas como as mulheres eram tratadas, te gerou incômodos?

Flávia: então, muitas reflexões sobre isso porque quando eu descobri a minha bissexualidade foi mais ou menos ali no momento - não quando eu descobri né, eu já sabia, mas queria a todo custo afastar – da igreja. E na igreja uma vez um padre tava falando, iam missionários falar com a gente, dar palestra pro grupo de jovens e eles sempre falavam que a gente precisava largar o que era mundano, que muitas vezes o que é mundano, o que é pecado, não são valores de Deus e precisa ser colocado de lado pra gente seguir a nossa luz, seguir o Deus Todo Poderoso né. E dentro do meu próprio grupo eu identificava algumas pessoas, uma ou outra, que já sabiam que não eram hétero, mas eu via que o discurso ainda era muito quadrado, eu não me sentia totalmente confortável, ainda que fossem pessoas mais abertas, que eram da minha idade, eu sabia que se eu falasse eles iam até falar com a minha mãe, sabe? Ou colocar a questão como um puta tabu, enfim, de uma forma que não é. Então eu nunca me senti confortável, principalmente por alguns discursos. Eles Eles aceitam, mas muitas vezes você tem que estar ali com aquela ideia que você está cometendo um erro, e que você está ciente do seu erro. Coisas do livre arbítrio da igreja. E pelo menos o espaço onde eu tava, eu atuei na Catedral (igreja conhecida de São Carlos), aquela igreja da la praça. Lá é uma igreja antiga, e tals, é uma paróquia bem respeitada, mas a fita é que eu não me senti confortável, comecei a ver que os discursos não batiam, sempre chegavam nesse ponto do “que tá na Bíblia, do que a

gente aceita e do que a gente aceita mas faz questionamentos”, como eles falavam. Por isso (saiu da igreja) basicamente.

Raisa: boto fé. Aceitava até o momento que não demonstrava muito, né?

Flávia: é, é sempre assim. Como eu falei, eu via que uma ou outra pessoa não era hétero e as pessoas também se privavam muito de falar sobre, por medo de ser repreendida, senão por quem tá lá, ou aquilo sair de lá e ir para o padre que acompanhava a gente, né. E era sempre num sentido de que quando isso entrava na discussão era num sentido de “você tem que se confessar”, “se confessar com Deus, falar tudo o que tá internamente em você”. Mano, nunca me senti nem confortável pra confessar, nem comigo mesma (risada). Imagina com o padre, então.

Raisa: tava suave (risada)

Flávia: é, por entender esses dogmas mesmo. E as mulheres eram tratadas muito como apaziguadoras eu acho, dentro do grupo que eu tava. Como as que organizariam as coisas melhores, que fariam as coisas melhores [machismos da dinâmica eram menos claros, mais sutis]. Não teve nenhum desrespeito de gênero eu acredito, mas tinham coisas meio subentendidas que me incomodavam assim. Tipo, um estudante de teologia, que tava no seminário ir falar com a gente e ficava olhando pra uma moça específica, algumas coisas eram evidentes e chateavam, que eu pelo menos entendia. O cara não pode ter relações se ele tá no seminário, se ele quer ser padre ele tem que abdicar disso. Então alguns dogmas que eu realmente não entendo como saudáveis me fizeram sair (risada)”

Enquanto mulher negra jovem, Flávia trabalhou desde muito, em trabalhos com alta rotatividade e informais, por vezes necessitando encontrar diferentes fontes de renda dado dificuldades estruturais e desejo da interlocutora de trabalhos mais estáveis. Segue o trecho que destaca essa experiência.

Flávia: “Eu comecei a vender uns doces, eu tava numa pira disso, eu só ia pra faculdade, voltava. Ficava um tempo em casa, então eu comecei a fazer uns doces, a experimentar minhas habilidades culinárias. Aí depois eu comecei a vender, eu fiz o

meu marketing, fiz até uma página no meio do 1º ano e vendia lá na frente da UFSCar. Aí eu vendia uma variedade de doces, mas eu comecei com sonhos. Fiquei lá mais ou menos uns 2 meses. Eu gostava de vender e tava me trazendo um bom retorno, o que era complicado era o tempo hábil pra fazer, pra levar, era muito difícil, né? Levar uma bandeja com coisas dentro do ônibus. Enfim, começou a ficar meio complicado. E o tempo hábil de comprar as coisas lidando com a minha graduação ao mesmo tempo. Aí depois eu saí dali e fui procurar uns freela e ai mesmo tempo eu já podia me candidatar pra estágios no curso [...]"

Flávia quando perguntada sobre os impactos da pandemia nas mulheres, destaca grupos específicos e posteriormente disserta sobre sua experiência:

"Flávia: eu acho que esse impacto né, ele é muito, ele é bastante pesado principalmente pra mulheres trabalhadoras e pra mulheres que tem filhos, isso vem sendo bastante falado. Sigo algumas páginas que falam sobre isso, ser mulher na pandemia, ter um filho pra cuidar e ser da classe trabalhadora ao mesmo tempo. [...] Ah, quando se falou das mulheres na linha de frente (da pandemia) que enfim, a maioria dos enfermeiros são mulheres e tem essa carga aí. Enfim, mas no geral eu não tenho ouvido falar muito, eu pesquiso por conta às vezes o que tem saído sobre, e é sempre nesse contexto, de que as mulheres que mais sofrem são sempre as das classe trabalhadora principalmente mulheres domésticas. A pandemia começou com uma mulher negra e doméstica e morrendo. Isso é muito substancial, né? Pra gente ver de forma geral que o povo negro ainda morre e mulheres negras estão nesse jogo. E são mulheres negras que tem filhos, mulheres negras que tem suas carreiras ou não, estão desempregadas e que sofrem com as consequências da pandemia. E mulheres brancas trabalhadoras também. Acho que o peso mesmo de estar nesse momento é mais envolto nisso. Eu sofro também, né, porque eu me arrisco pra ir trabalhar; me arrisco pra ir no mercado; pegar um ônibus e algumas pessoas, mulheres também. Mulheres trans, que não podemos excluir nem desconsiderar elas. As que eu conheço tão dentro da prostituição nos momentos da pandemia, não são contratadas, nem chamadas pra entrevistas, não tem acesso a coisas que possibilitariam oportunidades, que possibilitariam que elas prestassem uma universidade, enfim. Acho que é mais nesse contexto assim que eu tenha visto"

Quando perguntada sobre os maiores impactos da pandemia, G um elemento central em todas as entrevistas e interlocutoras, o adoecimento mental das mulheres jovens:

Flávia: Nossa, o maior impacto foi a minha saúde mental, com certeza. Na época eu tava com uma psicóloga, mas eu fiquei muito perdidas com minhas crises de ansiedade, vinha o tempo todo, me senti igual um passarinho preso e sentia extremamente sozinha e perturbada mesmo. Depois foi financeiro, né. Eu falo que o da saúde mental foi pior porque eu estava começando a fazer psicóloga e eu nunca tinha feito na minha vida. Então eu tava no comecinho, ali fritando sobre meus traumas ao mesmo tempo que eu estava me deparando com o momento”

Sobre Carla destacamos sua experiência na busca de trabalho e também a injustiças sociais que presencia enquanto moradora de periferia, ora sendo mais diretamente atingida, ora não;

“Carla: [...] mas sobre morar longe do centro, que é a questão que você traz, essas questões de procurar trabalho, pra mim é só virtual, porque eu não tenho condição de sair da minha casa e ir no centro e fica entregando currículo, andando de cima pra baixo. E perto da minha casa não tem, coisa de bairro mesmo. Ai isso dá uma dificultada. [...] mas esse lugar que eu moro é bem bom. É do meu padrasto, morava ele e a mãe dele, ai depois que a mãe dele faleceu a gente veio morar aqui com ele (se refere a ela, as irmãs e a mãe). É uma casona, não tinha porque ele ficar sozinho aqui. É um bairro bom, mas é bem perigoso. A gente vive tranquilamente, nós, mas tem coisas perto de casa, biqueira mesmo, e tá sempre muito perigoso. Já fui abordada umas vezes na ruas, que nossa, umas coisas ridícula. Mas eu saio ilesa, porque eu sou uma mulher branca. Mas teve um dia que foi muito.. Fiquei triste depois disso. Tem um amigo meu que mora aqui perto, e ele é negro, daí a gente tava vendo de se encontrar a noite, umas 19h00, 20h00. Ele mora algumas ruas pra cima da minha casa, eu tava subindo pra lá e ele descendo pra me encontrar, e nesse caminho passou uma viatura e o policial parou do meu lado e falou “moça, se eu fosse você eu ia pra casa, porque a gente tá procurando umas pessoas específicas aqui e acho que não é bom você ficar na rua” Ai eu “meu deus, né?”. E ai eu descii pra minha casa e meu amigo tava lá, “cara os caras acabaram de me bater”. Eles pararam ele e bateram nele. Foi muito tenso, às vezes a gente acha que a gente tá seguro nos locais, perto de casa. A gente mora aqui a vida toda, um do lado do outro, questão de

segundos um negócio muito torto aconteceu. Fiquei triste mesmo. [...] Já faz um tempo que eu moro aqui, então tem pessoas que você reconhece, você já viu várias vezes. Daí vira e mexe eu vejo os carinhos roxo, mancando. Um pessoal que passa aqui pra pedir comida em casa, também sabe. É meio triste, meio não, bem triste. É isso.. Mas não sei, eu já não me sinto mais - há um tempo atrás eu até me sentia – segura. Falava “não, eu to em casa, eu moro aqui, sabe. É meu bairro, posso só voltar pra minha casa?”. Mas de um tempo pra cá, desde eleição de Bolsonaro principalmente, que foi quando a gente mudou, em 2017, porque já fazia um ano que a gente tava aqui.”

Este elemento da insegurança desde a eleição fora algo que ganhou contornos nítidos de sexo e gênero. Esta interlocutora em específico comenta sobre a perseguição que sofreu a noite voltando para casa e como precisou recorrer a presença do tráfico quando foi negado a ela ajuda por polícias militares que patrulhavam o bairro

Carla: e é isso, porque eu sei que se acontecer alguma coisa comigo, eu não tenho essa confiança de chamar a política, não tenho, porque é isso. Uma vez nossa, foi muito tenso, inclusive. Eu tava voltando pra minha casa por volta de sei lá, 01h00 da manhã, entre 01h00 e 02h00. Daí eu tava descendo a rua da minha casa e parei nessa distribuidora que eu comentei, que o pessoal vende uma droga, e parei lá pra comprar um cigarro. Aí eu tava descendo pra minha casa e eu percebi um carinha me seguindo, assim, descaradamente, eu atravessava a rua ele atravessava junto, daí eu atravessei de novo de novo ele atravessou junto. Ai eu desviei totalmente do caminho da minha casa, teve uma hora que eu sai correndo dai passou uma viatura, e ai eu falei “oh, moço”, tipo eu tava há duas quadras da minha casa, falei “moço, eu acho que tem um homem me seguindo, você não pode descer comigo até a minha casa?” dai ele falou assim “mas que homem que é esse?” [...] E ai tipo, foi um choque de realidade, porque tipo, mano eu de fato me senti mais segura com esse pessoal que tá envolvido nesse monte de coisa pesada, que é o pessoal do tráfico mesmo, naquele dia, inclusive, foi absurdo que o maninho, dono do tráfico tava lá. Dai eu pensei “caralho, olha o lugar onde eu to entrando pra fugir de uma situação na qual eu tentei me livrar da maneira eticamente correta, sabe? Socialmente corretamente”

Sobre os espaços podados devido a imposições patriarcais, Carla comenta sobre sua experiência com o curso de física:

Carla: “eu não me sentia confortável ali e eram aquelas pessoas classe média, que tiveram uma boa educação, com condição de ter um estudo privado, então era um pessoal que sabia mais mesmo, que teve essa oportunidade de conhecer as coisas mais a fundo. Ainda mais na física. Ai era um pessoal que sentia essa necessidade de se reafirmar o tempo todo, de mostrar que ele tava ali naquela posição de “bonzão”. E isso me distanciou muito do meu curso, de uma maneira absurda. Sempre foi o que eu quis estudar, né? Eu pensei na minha vida estudando física, nunca cogitei não estudar física, ou estudar qualquer outra coisa. Sociais na verdade (risada), mas sempre foi física. E aí veio esse espaço assim, totalmente desacolhedor, era um negócio que eu realmente não esperava e umas coisas retrógradas assim, absurdas. Teve um professor que logo no início do curso ele falou assim “que não surpreendia que tinham poucas mulheres nessa turma, porque a cognição demandada pra você entender física é superior a capacidade usual feminina””

Lúcia e Carla compartilham uma mesma necessidade de busca de trabalho na emergência da pandemia, quando iniciamos a entrevista há poucos dias a interlocutora havia conseguido um estágio em uma empresa de tecnologia da cidade. Quando perguntada sobre se a dinâmica de casa havia sido afetada, nos respondeu:

Lúcia: “Sim, foi assim, afetou BASTANTE SIM. Afetou porque era aquela coisa: uns perderam um emprego, pra achar outra é mais difícil ainda, no meio de uma pandemia, mais difícil, nossa, afetou demais. A minha sorte foi que assim: minha mãe e meu padrasto trabalham, só que assim não é AQUELE salário, e ainda ter que sustentar uma casa com cinco? Tendo conta pra pagar. Não sei se você sentiu a mesma coisa, mas parece que tudo aumentou: luz, água.. Veio uns valores absurdos, que você ficava “gente, moram as mesmas pessoas há anos e agora começou a subir desse jeito?” o valor da água era como se cada pessoa tivesse tomando uns cinco banhos por dia de uma hora”

Acerca da questão financeira, Lúcia descreve como a pandemia foi um fator de impacto

“Lúcia: minha família não tem como me banca, ai minha mãe que tava segurando as pontas o ano inteiro. Eu comecei a pandemia com estágio, só que era na Santa Casa, no administrativo. [Mas ai] caos, pandemia, cortaram o estágio por ser alto risco de contaminação, não tinha como trabalho em casa, então eu acabei perdendo o meu estágio, eu fiquei desempregada minha mãe teve que me ajudar, me manter e... é eu minha mãe, meu padrasto, meu irmão, outro irmão, que agora também graças as Deus conseguiu emprego e já foi.. arrumou o cantinho dele. O outro também consegui emprego agora que agora que as coisas tão dando uma melhora. Então é aquela coisa, não ter um emprego estava me deixando MUITO louca da vida (ênfase). Altas crises de ansiedade porque é muito complicado, sabe? Apertou as coisas aqui em casa, então... tinha meu carro pra pagar”

Por fim destacamos trechos em que Lúcia reflete sobre as desigualdades patriarcais e de gênero

Lúcia: “é muita cobrança pra gente, em que fazer as coisas em casa, tem que trabalhar, tem que estudar, tem que dar conta de ficar bonita também. Então assim, essa questão da beleza, nossa. Não era nem pra eu tá ligando pra minha aparência pra eu trabalhar no home office, mas eu ligo, quero tá bonita pra mim [...] nossa, e é muito louco, a gente para e reflete algumas situações a gente vê o quanto que a gente tem que ralar mais para conseguir se equiparar a um homem que não faz quase nada, só porque é um homem. [...] o quanto eles são mais protegido não só na sociedade, mas até no escopo familiar”

5. CONCLUSÕES

De maneira geral podemos destacar que a pandemia impactou brutalmente as mulheres jovens moradoras da periferia. A pressão financeira, a multiplicação de jornadas de trabalho, a necessidade de continuação dos estudos frente a necessidade de conciliação de uma realidade extremamente instável e incerta ocasionou um forte adoecimento mental nas mulheres como um todo. A crise econômica de 2008 tornou-se multifacetada; como comenta Boito (2012) tal investida política restaura a direita neoliberal e os desdobramentos da crise aprofundam e intensificam problemas estruturais da realidade brasileira, A juventude ainda lida com pressões mais intensas relacionadas ao futuro e ao auto sustento. Gemma, Lima e Bergstrom (2021) sugerem inclusive que as mulheres durante a pandemia não mais lidam com jornadas de trabalho, mas sim com "um fluxo contínuo de atividades que se sobrepõe e concorrem entre si, causando sofrimento psíquico e sobrecarga de trabalho [...] A gestão do tempo, do espaço e da técnica, tão caras ao mundo do trabalho se tornou mais complexa" (GEMMA; LIMA; BERGSTROM, 2021, p. 10).

A precarização dos serviços essenciais à vida (ARRUZA; BHATHACHARYA; FRASER, 2019) tornou-se algo escancarado. As linhas de ônibus foram diminuídas, o desemprego cresceu, a vacinação tardou. A implementação do neofascismo de Bolsonaro desde 2018 paulatinamente acirrou a crise de produção e reprodução social. Muito ainda é necessário investigar sobre tais desdobramentos;

Nesse contexto, a lógica de sobrevivência acabar por tornar-se a do empreendedor de si mesmo (DARDOT; LAVAL, 2019), porém esta lógica encontra-se imersa nas experiências (THOMPSON, 1981) complexas das interlocutoras, de modo que o individualismo seja uma alternativa a situação devastadora da pandemia, por vezes, mesmo que se tenha certo grau de consciência da realidade, no sentido de compreender as opressões sociais, deste modo nosso objetivo específico de tentar compreender através desta lente a crise de produção e reprodução se mostrou pouco efetivo.

Quanto às desigualdades de gênero, a maior parte de nossas interlocutoras compreendia e identificava as assimetrias patriarcais (SAFFIOTI, 2014), elemento este que ressoa nas décadas de lutas feministas brasileiras. Também eram fortemente impactadas pelo acirramento das jornadas de trabalho, da divisão social e sexual do trabalho e da própria violência patriarcal (ARRUZA; BHATHACHARYA;

FRASER, 2019). A experiência encontra-se definitivamente tensionada e em elaboração, de modo que é necessário ainda emergir nessa experiência frente a este contexto, uma vez que ela altera completamente o modo de vida dos sujeitos sociais.

Cabe destacar que nossas interlocutoras, sendo universitárias, tiveram maior acesso aos debates do feminismo, dessa forma, havendo maiores possibilidades de questionamento das desigualdades de gênero. Contudo, a experiência da periferia nos pareceu sugerir que ainda há conflito e margem de expansão do feminismo nestes territórios periféricos, interlocutoras destacaram a ausência de movimento de mulheres, e certo desalento em não encontrar canalização numa luta mais ampla e contínua, fruto inclusive de um cenário político especialmente danoso as organizações de esquerda. Duas tensões se fizeram presente nas falas das interlocutoras que merecem especial atenção.

A presença num território aparentemente ausente de movimentos organizados - ao menos no momento em que a pesquisa era realizada - e a presença no ambiente acadêmico no qual transitam coletivos feministas e circulam debates e questionamentos acerca das desigualdades de gênero e da normatização do gênero demonstram que por muitas vezes, há percepções nítidas a respeito das violências de gênero contudo, parece haver poucas possibilidades para renomear o vivido (FORMAGGIO 2019) no sentido que Formaggio (2019) emprega: a ausência de espaço coletivo de elaboração das violências de gênero dificulta o engajamento político como também tais possibilidades de renomeação

O outro ponto diz respeito às tensões geracionais no interior das famílias e remodelações acerca das desigualdades de gênero. Durante as entrevistas, mais de uma vez foi mencionado pelas interlocutoras o debate com mães ou avós a respeito do que seria papel da mulher executar na sociedade, na vida privada e na política. Seja o questionamento sobre as tarefas domésticas serem distribuídas desigualdade, seja questionamentos mais amplos apontando o que seria então desrespeito, assédio ou violência com mulheres, filhas mães e avós ora discordavam entre essas definições, ora podiam trocar experiência sobre a própria experiência de ser mulher frente ao capitalismo-patriarcal-racista.. No geral, a partir dos relatos, foi possível notar uma tendência de maior questionamento das filhas quando comparadas às mães e avós, ao menos na perspectiva das próprias filhas.

Por estes achados destacamos a necessidade de maiores estudos com abordagem qualitativa afim de aprofundar as percepções e experiências das mulheres acerca da desigualdade de gênero.

6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUZA, Cynthia; BHATHACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. Feminismo para os 99% - um manifesto. São Paulo. Boitempo, 2019.

BOITO JR, Armando. As bases políticas do neodesenvolvimentismo in: Fórum Econômico FGV. 2012. São Paulo

BOITO, JR, A. Porque caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. *Crítica Marxista*, n.50, p.111-119, 2020.

BONNET, Annabelle. O Feminismo Marxista tem uma História? Breve estudo do caso francês in Os Desafios do Feminismo Marxista na Atualidade. MARTUSCELLI, Danilo Enrico (org.). São Paulo Marxismo 21. 2020.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CÔRTE, A; BARROS, J; LIMA, L; HADLER, M; ROVAI, M; KOBELINSKI; M. Como fazer a história local se tornar pública, e para quem? In História Pública em Movimento. ALMEIDA, Juniele; RODRIGUES, Rogério(org). São Paulo: Letra e Voz, 2021.

DARDOT, P.; LAVAL, C. A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça da era pós-socialista. In: SOUZA, J. (Org.) *Democracia hoje*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FRASER, Nancy. Perspectivas, São Paulo, v. 49, p. 161-185, jan./jun. 2017

FRASER, Nancy. O neoliberalismo perpetrou um assalto brutal a reprodução social entrevista com Nancy Fraser. Instituto Humanistas Unisinos. 8 ago. 2019 Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591467-o-neoliberalismo-perpetrou-um-assalto-brutal-a-reproducao-social-entrevista-com-nancy-fraser>. Acesso em: 20, maio. 2020.

FRASER, Nancy; JAEGGI, Rahel. Capitalismo em debate: uma conversa na teoria crítica. São Paulo. Boitempo Editorial. 2020

FORMAGGIO, Cessimar. O engajamento político entre o “renomear o vivido” e dispositivos de normatização social: experiências femininas pelos ativismos e militâncias populares. 2019. 224 f. Tese Dissertação (doutorado). Departamento de Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.

GAMMA.S. LIMA. FI; BERGSTROM. G. IHU On-Line. Revista do Instituto Humanistas Unisinos. Mulheres e Pandemia. A complexa teia de desigualdades e o desafio de sobreviver ao caos. Nº 584. Ed. 548. Ano XXI. 07.06.2021.

GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere*, volume 1. Edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça. Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. Tempo social. Vol. 26 nº.1 São Paulo Jan./Jun 2014

JOUTARD, Philippe. “Desafios a história oral do século XXI”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria, ALBERTI, Verena (org). História oral: Desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/ Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000. p 31 – 45

KERGOAT, Danièle. (2012), *Se battre, disent-elles...* Paris, La Dispute (col. Le Genre du Monde). L ovy , Ilana. (2002), “Universalité de la science et connaissances situées”. In: G ardey , D. & L ovy , I. (orgs.). *Les sciences et la fabrication du masculin et du féminin*. Paris, Ed. des Archives Contemporaines.

MARICATO, Ermínia. "É a questão urbana, estúpido!" in *Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. VAINER, Carlos (org). São Paulo. Boitempo. 2013. p 44 – 63.

MEIHI, José "Desafios da história oral latino americana: o caso do Brasil". In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria, ALBERTI, Verena (org). *História oral: Desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/ Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 85 – 99

MILLS, C. W. *Sobre o Artesanato Intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MORAES, Maria Lygia Quartim." *Marxismo e feminismo: afinidades e diferença*". In: *Crítica Marxista*, São Paulo, Boitempo, v.1, n. 11, 2000, p. 89-97

PISCITELLI, Adriana. *Tradição oral, memória e gênero: um comentário metodológico*. *Cadernos Pagu*, n.1, 150-200. 2005

PORTELLI, A. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, Alessandro. *A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996, p. 59- 72.

SAFFIOTI, Heleith. *Gênero patriarcado violência*. São Paulo: Expressão Popular. 2015

SCHAWEZSTEIN, Dora. "Desafios da história oral latino americana". In: In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria, ALBERTI, Verena (org). *História oral: Desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/ Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 99 - 103

SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. Proj. História. São Paulo (16) fev. 1984

THOMPSON, E. P. A Miséria da Teoria ou Um Planetário de Erros. Rio de Janeiro, Zahar, 1981

THOMSON, Alistair. “Aos cinquenta anos: Uma perspectiva internacional da história oral”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (org.). História oral: Desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 47-65.

TOLEDO, Cecília. Gênero e Classe. São Paulo: Editora Sunderman. 2017.

ZIRBEL, Ilze. Estudos Feministas e Estudos de Gênero no Brasil. Tese (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Santa Catarina. f.212. 2007